

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Maria Clara Barbosa Pires Pereira

**PARA ALÉM DE POTES DE CAFÉ, CAIXAS DE CHÁ, LATAS DE ARENQUE E GARRAFAS DE
ÓLEO: A REPRESENTAÇÃO DE JENNY VON WESTPHALEN NAS BIOGRAFIAS DE KARL
MARX**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientadora: Prof.^a Dr.^a Célia da Graça Arribas.

Juiz de Fora
2025

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu,, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202172054A , declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **PARA ALÉM DE POTES DE CAFÉ, CAIXAS DE CHÁ, LATAS DE ARENQUE E GARRAFAS DE ÓLEO: A REPRESENTAÇÃO DE JENNY VON WESTPHALEN NAS BIOGRAFIAS DE KARL MARX**, desenvolvido durante o período de 04 DE NOVEMBRO DE 2024 a 20 DE MARÇO DE 2025 sob a orientação de Prof.^a Dr.^a Célia da Graça Arribas,, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Maria Clara Barbosa Pires Pereira

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

PARA ALÉM DE POTES DE CAFÉ, CAIXAS DE CHÁ, LATAS DE ARENQUE E GARRAFAS DE ÓLEO: A REPRESENTAÇÃO DE JENNY VON WESTPHALEN NAS BIOGRAFIAS DE KARL MARX

Maria Clara Barbosa Pires Pereira¹

RESUMO

A pesquisa que aqui marca seu emergir propõe-se a tecer uma análise das mudanças na representação de Jenny von Westphalen, importante mulher, intelectual e parceira de Karl Marx, cuja representação tenha sido, por muito tempo, obscurecida pelas narrativas patriarcais que a relegaram ao papel de esposa e musa, negligenciando suas contribuições intelectuais e políticas. Estrutura-se metodologicamente na análise crítica de três principais objetos. Primeiramente, navega-se pela biografia *Karl Marx, Story of His Life* de Franz Mehring, encaminha-se para a análise da obra cinematográfica *O Jovem Karl Marx*, e finaliza seu trajeto em *Amor & Capital: A saga familiar de Karl Marx e a história de uma revolução*. Esta é uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório e para que esse percurso avance de maneira mais fluida e atinja o objetivo proposto com clareza, o trabalho organiza-se desde as representações tradicionais que a relegaram ao silêncio até o resgate de sua figura por meio das perspectivas feministas. A análise revela como as abordagens feministas permitiram uma revisão crítica das narrativas patriarcais, destacando o papel de Jenny como parceira intelectual e revolucionária. Conclui-se que o resgate de sua trajetória não apenas restaura sua agência histórica, mas também contribui para uma historiografia mais inclusiva. Este estudo espera instigar novas pesquisas sobre a Jenny e outros resgates às contribuições femininas silenciadas ao longo da história.

PALAVRAS-CHAVE: Jenny von Westphalen, representação, feminismo, historiografia e Karl Marx.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	4
1. PONTO DE PARTIDA.....	5
2. A REPRESENTAÇÃO DE JENNY VON WESTPHALEN NA BIOGRAFIA DE FRANZ MEHRING: BELEZA, SACRIFÍCIO E A INVISIBILIDADE INTELECTUAL.....	6
3. AVANÇO DAS DISCUSSÕES FEMINISTAS.....	8
4. JENNY VON WESTPHALEN À LUZ DOS AVANÇOS.....	10
5. JENNY VON WESTPHALEN EM O JOVEM KARL MARX: REPRESENTAÇÃO DE UMA PARCEIRA INTELECTUAL E REVOLUCIONÁRIA.....	11
6. AMOR E CAPITAL: JENNY VON WESTPHALEN NA VANGUARDA DA REVOLUÇÃO.....	12
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Quadro-resumo.....	5
Tabela 2: Comparação de aspectos na representatividade de Jenny von Westphalen.....	14

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Célia da Graça Arribas. E-mail: mclarabarbosapires@gmail.com

Eu realmente sinto vontade de agir como uma incendiária fatal e vagar pelo país com uma tocha na mão quando vejo esse idílio aqui, que é uma vida baseada em potes de café, caixas de chá, latas de arenque e garrafas de óleo!

(Jenny von Westphalen)

INTRODUÇÃO

Das linhas que se entrelaçam nesse estudo, emerge a importante figura de Johanna Bertha Julie von Westphalen, referida como Jenny von Westphalen ou Jenny Marx, importante mulher, intelectual e parceira de vida de Karl Marx, cujo papel foi invisibilizado na narrativa histórica. Evidencia-se nessa pesquisa as diferenças em sua representação ao longo do tempo, destacando como as abordagens feministas contribuíram para resgatá-la da invisibilidade e reconhecer seu papel como uma figura ativa e influente em seu contexto.

Filha de Ludwig von Westphalen, um barão prussiano de pontuável influência, Jenny carrega em seu nome, uma homenagem à sua avó escocesa. (GABRIEL, 2013) Com vibrante intelecto e propósito, consagrou sua existência à esfera política (RODRIGUES, 2018) foi mãe de sete filhos, dos quais vivenciou duramente o luto de quatro deles. (GABRIEL, 2013) Suportou incontáveis desavenças em decorrência das condições financeiras que se tornaram escassas e lutou em prol da causa revolucionária, tendo participado de maneira ativa, trabalhando ao lado de Marx, na transcrição, edição e promoção da proposta comunista. Entretanto, apesar da relevância e da magnitude de sua atuação, sua trajetória histórica permaneceu, por um extenso período, relegada ao desconhecimento.

Nesse viés, constitui-se ao longo do tempo, ancorada por uma consistente base conceitual, a produção historiográfica, submergida pela privilegiada perspectiva masculina na produção do conhecimento. Desse modo, foram perpetuados séculos de invisibilidade feminina nos processos intelectuais e políticos, condenando ao silêncio figuras importantes da história. Simone de Beauvoir aponta que “não foi a inferioridade feminina que determinou sua insignificância histórica: sua insignificância histórica foi que as votou à inferioridade” (BEAUVOIR, 1970, p. 171).

A trajetória de Jenny von Westphalen emerge como um retrato desse cenário, exemplificando, assim, os limites da historiografia tradicional. Com isso, apesar de seu papel substancial na consolidação da obra de Karl Marx, da atividade como revisora e transcritora, teve suas mãos que tanto trabalharam para as ideias revolucionárias, invisíveis para a história. Muitas narrativas biográficas, frequentemente a representaram como uma mulher abnegada, cuja importância derivaria de seu sacrifício pessoal em prol da trajetória do marido e não de sua própria agência intelectual.

Diante desse apagamento, o avanço das discussões feministas têm impulsionado uma revisão crítica dessas narrativas, buscando resgatar figuras femininas que foram marginalizadas ou subestimadas. Nesse contexto, a pesquisa mostra-se relevante para reconhecer sua participação histórica e aprofundar a compreensão sobre as dinâmicas de gênero, classe e poder. Além disso, este trabalho busca contribuir para debates contemporâneos que visem uma historiografia que componha as contribuições femininas e de outros grupos que estiveram à margem por tanto tempo.

Para isso, utiliza-se como objeto para a análise das representações de Jenny von Westphalen, duas biografias de Karl Marx, sendo elas, inicialmente a produção de Franz Mehring *Karl Marx, Story of His Life* inicialmente publicada em 1918 contrastando com *Amor & Capital* de Mary Gabriel, cuja publicação data quase cem anos de diferença, tendo sido publicada em 2013, e, a esses somado, a obra cinematográfica de 2017, *O Jovem Karl Marx* dirigido por Raoul Peck.

Com a finalidade de contemplar os objetivos propostos estrutura-se da seguinte maneira, (1) inicia-se no “Ponto de partida”, onde serão abordadas as motivações, metodologia e hipóteses da pesquisa; encaminha-se, posteriormente para (2) “A representação de Jenny von Westphalen na biografia de Franz Mehring: beleza, sacrifício e invisibilidade intelectual”, no qual se discute a historiografia patriarcal e como ela moldou a representação de Jenny, relegando-a a um papel secundário e estereotipado; (3) “Avanço das discussões feministas” abordam-se as contribuições da luta feminina para o resgate de figuras femininas historicamente silenciadas, (4) “Jenny von Westphalen à luz dos avanços” introduz-se a análise de novas representações de Jenny, que emergem a partir de perspectivas críticas; (5) Jenny von Westphalen em *O Jovem Karl Marx*: representação de uma parceira intelectual e revolucionária, analisa-se sua representação

na obra cinematográfica, destacando como a narrativa visual contribui para resgatar sua agência histórica e seu papel como colaboradora intelectual e revolucionária, e por fim, (6) “Amor & Capital”, com a investigação de sua representatividade na biografia e últimas discussões.

1. PONTO DE PARTIDA

A escrita desse trabalho, parte da inquietude causada ao deparar-se com os séculos de invisibilidade, que ressoam ainda hodiernamente, tanto no campo epistemológico quanto acadêmico. Sendo assim, o encontro com Jenny von Westphalen se deu, pela leitura das biografias de Marx, e posteriormente na leitura de suas próprias biografias. O questionamento sobre seu apagamento, influência e representação foi aflorado ao longo dos estudos compartilhados em pensamento sociológico com a ênfase dada nas pioneiras da Teoria Social: gênero e credibilidade científica².

Pessoalmente, este trabalho também é fruto da necessidade contínua enquanto mulher e pesquisadora de “matar o anjo do lar”, a figura internalizada tão incisivamente descrita por Virginia Woolf, a qual insiste em ditar que as mulheres devem ser passivas, abnegadas e silenciosas. Ao analisar a representação de Jenny, busca-se também reafirmar a importância das mulheres na pesquisa sobre mulheres, afinal, com isso, destroi-se a imposição internalizada em si mesmas e nas narrativas que reconstróem, abrindo, dessa forma, caminho para uma historiografia mais plural e representativa.

As hipóteses aqui levantadas são (i) de que maneira o contexto histórico e as estruturas patriarcais influenciaram a construção da narrativa sobre Jenny von Westphalen? e (ii) como, ao longo do tempo e das contribuições feministas, sua representação foi alterada?

Nesse sentido, esta pesquisa bibliográfica (GIL, 2002), compreende “a identificação, localização, compilação e fichamento” (LAKATOS, MARCONI, 2003, p.185) dos objetos de estudo e, segundo as autoras, possui caráter exploratório, uma vez que foi desenvolvida uma base para a investigação, operando como alicerce para a construção de novas pesquisas científicas. (LAKATOS, MARCONI, 2003). Para tanto, foram selecionados e analisados autores que contribuem para a compreensão do tema proposto. No segmento biográfico, destaca-se Franz Mehring (1962), e Mary Gabriel (2013), no âmbito das contribuições cinematográficas, incorpora-se, em evidência, a produção O Jovem Karl Marx (2017).

No intuito de auxiliar a esquematização da estrutura da pesquisa e facilitar a localização do referencial teórico adotado, optou-se pela elaboração de uma “quadro-síntese” com as principais representações observadas neste trabalho e as contribuições dos autores analisados, a fim de fornecer os elementos essenciais para a compreensão do objeto de estudo ao longo dos próximos capítulos.

Tabela 1: Quadro-resumo

Ano	Formato	Título	Autor	Síntese
1962	Livro	Karl Marx, Story of His Life	Franz Mehring	Revela a representação de Jenny von Westphalen como uma figura idealizada, enfatizando sua beleza e sacrifício, enquanto sua intelectualidade e contribuições políticas são marginalizadas, refletindo as estruturas patriarcais da narrativa histórica.
2013	Livro	Amor & Capital: A saga familiar de Karl Marx e a	Mary Gabriel	Resgata a trajetória de Jenny von Westphalen, destacando seu papel intelectual e revolucionário ao lado de

² Os estudos foram realizados na disciplina de Introdução à Sociologia: Fundamentos do Pensamento Sociológico, oferecida ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 2024, ministrado pela Prof.^a Dr.^a Célia Arribas, de onde emergiu a sede pela pesquisa.

		história de uma revolução		Marx. Contraindo-se à primeira biografia, Jenny é representada como participante ativa do processo revolucionário e com mais detalhes e aprofundamentos do que na obra filmica <i>O Jovem Karl Marx</i> .
2017	Filme	O Jovem Karl Marx	Raoul Peck	Destaca a atuação de Jenny como parceira intelectual e revolucionária de Marx, em contraste com a primeira obra analisada, evidenciando sua contribuição política e intelectual ainda que de maneira breve.

Fonte: elaborada pela autora, 2025

2. A REPRESENTAÇÃO DE JENNY VON WESTPHALEN NA BIOGRAFIA DE FRANZ MEHRING: BELEZA, SACRIFÍCIO E A INVISIBILIDADE INTELECTUAL

Pierre Bourdieu, em “A Ilusão Biográfica”, escancara que, ao transpor uma vida para uma narrativa sequencial de fatos artificialmente concatenados, incorre-se em um processo que distorce a complexidade da existência humana. Esse processo implica em “sacrificar-se à uma ilusão retórica a uma representação comum da existência, que toda uma tradição literária insiste em fortalecer”. (BOURDIEU, 1996, p. 185) Essa estruturação linear, empregada no gênero biográfico e autobiográfico, opera como um artifício retórico que projeta uma aparente continuidade e coerência sobre aquilo que, em sua essência, é marcado por fragmentação, contradições latentes e a desordem inerente à experiência de vida.

Cabe ressaltar que as linhas que compõem esse capítulo, assim como todo o trabalho, não serão preenchidas no intuito de consolidar uma biografia mais fidedigna à Jenny Von Westphalen, o que se propõe, distanciando-se da ilusão biográfica, é colocar em pauta, como sua representação foi consolidada a partir dos anos, para que com essa análise crítica, possa-se perceber a trajetória de sua representação, as mudanças significativas dos avanços feministas em prol do resgate da contribuição feminina e o delinear de uma história menos segregada.

Por conseguinte, este capítulo propõe a análise da biografia clássica de Franz Mehring, publicada em 1918, concentrando-se em trechos específicos nos quais a representação de Jenny von Westphalen se torna mais evidente. Embora as referências à sua figura, assim como se verá adiante, sejam escassas ao longo da obra, a seleção desses excertos permite identificar os elementos centrais que estruturam sua caracterização. Além disso, com as limitações impostas pelo formato da pesquisa, optou-se por um recorte analítico que privilegia os trechos nos quais torna-se possível examinar de modo mais claro as construções discursivas que moldaram sua imagem.

Contudo, não se restringe a uma análise textual da biografia de Mehring, busca, além disso, situar a representação de Jenny von Westphalen no contexto mais abrangente da historiografia tradicional. Portanto, com a análise da biografia Karl Marx, *Story of His Life*, propõe-se também, a reflexão acerca dos mecanismos discursivos e metodológicos que perpetuam a exclusão das mulheres na narrativa histórica. Sendo assim, a representação de Jenny von Westphalen na obra de 1918, reflete os desafios historiográficos e suas raízes patriarcais.

Torna-se importante traçar inicialmente, a forma com que a historiografia tenha se consolidado, uma vez que o entendimento de suas bases metodológicas e estruturais permite identificar os mecanismos que influenciaram a construção do conhecimento histórico. Sendo assim, a historiografia, ao longo de sua formação, revela-se profundamente imersa em marcas de um alicerce patriarcal, solidificado pela predominância masculina na produção histórica, que configurou as narrativas segundo uma ótica de poder, silenciando outras perspectivas e relegando-as à invisibilidade. Desse modo, a ausência de mulheres na narrativa histórica reflete um processo intencional de construção de discursos que privilegiam as dinâmicas de poder masculino.

Tendo isso posto, Margareth Perrot, em sua contribuição à reflexão histórica e crítica à historiografia tradicional em *Os Excluídos da História* sustenta que:

O “ofício do historiador” é um ofício de homens que escrevem a história no masculino. Os campos que abordam são os da ação e do poder masculinos, mesmo quando anexam novos territórios. Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e negligencia os sexos. Cultural ou “mental”, ela fala do homem em geral, tão assexuado quanto a Humanidade. Célebres – piedosas ou escandalosas –, as mulheres alimentam as crônicas da “pequena” história, meras coadjuvantes da História!” (PERROT, 2017, p.170)

Portanto, a construção historiográfica, predominantemente elaborada a partir da perspectiva masculina, reflete, em grande medida, as dinâmicas das estruturas de poder que configuram os contextos históricos. Conforme destacado pela professora e historiadora Gerda Lerner, “tendo estabelecido o patriarcado como fundamento da família e do Estado, este parecia imutável e tornou-se a própria definição da ordem social.” (LERNER, 1993, p.09) Sendo assim, a imposição patriarcal na construção do imaginário de uma suposta “ordem social” pautada nessas desigualdades, expropria as mulheres e outros grupos marginalizados, das rédeas de suas próprias vidas, retirando-as, assim, do palco de sua própria história e da importância de suas contribuições.

Pode-se inferir, com isso, que essa ótica restritiva estende-se também à vida e às contribuições de inúmeras mulheres que estiveram presentes e desempenharam funções cruciais em diferentes momentos históricos. Nesse ínterim, Jenny von Westphalen, nascida em 1819, no início do século XIX, vivenciou, ao longo de sua vida, profundas transformações. Experimentou grande parte dela ao lado do grande revolucionário Karl Marx, e esteve fortemente engajada na luta pela transformação social, participando ativamente desse contexto. Contudo, sua representação, por muito tempo, esteve restrita ao papel de esposa, tendo sua influência intelectual, contribuições e centralidade à margem.

Para a presente análise, será utilizada a edição inglesa traduzida por Edward Fitzgerald, originalmente lançada em 1935. Essa edição foi publicada em 1962 pela Ann Arbor Paperbacks for the Study of Communism and Marxism, vinculada à The University of Michigan Press. A primeira publicação da obra de Franz Mehring, *Karl Marx, Story of His Life*, em 1918, ocorreu em um contexto político tumultuado que agitou a Rússia naquele período (KURKDJIAN, LIMA, 2013). Ainda assim, a obra conseguiu se consolidar como um notório trabalho, iluminando a trajetória de uma das figuras mais influentes do século XX e articulando a fusão entre teoria e prática e detalhamento de sua trajetória pessoal e política. Tendo isso posto, mesmo com um notável rigor histórico e com um perceptível compromisso biográfico, a obra é marcada pelas lentes obscurantistas do patriarcado dado o seu tempo histórico.

Sua densa estrutura, organizada cronologicamente, incorpora quinze capítulos, dos quais, o primeiro “Early Years” tem dois subtópicos, “Home and School” e “Jenny von Westphalen”, um segmento de três páginas à ela dedicado. No decorrer das quinhentas e trinta e duas páginas, desconsiderando a listagem de conteúdos, as notas sobre as fontes, o apêndice, a bibliografia, o índice, listas, e outros artifícios pré e pós-textuais, na finalidade de contabilizar suas menções exclusivamente na narrativa textual, Jenny foi mencionada apenas dezesseis vezes.

Sendo assim, isso expõe que há um desequilíbrio que subestima sua importância. Perrot afirma que, “da História, muitas vezes a mulher é excluída. Primeiramente o é ao nível do relato, o qual, passadas as efusões românticas, constitui-se como a representação do acontecimento político”. (PERROT, 2017, p.170) Por isso, a ausência de sua participação nos relatos de vida de Marx, reforça a narrativa que inviabiliza sua participação.

“A garota tinha ‘algo de gênio’ sobre ela e era capaz de fazer sacrifícios que seriam impossíveis para uma garota comum.” (MEHRING, 1962, p.06) Pode-se observar, nessa circunstância, algumas características atribuídas à Jenny que foram proclamadas por Heinrich Marx, pai de Karl Marx, e apontadas na biografia analisada. Nesse segmento, Mehring retrata o noivado de Marx como um acontecimento que, aos olhos de seu pai, inicialmente parecia improvável, até que ele reconheceu em Jenny “algo de gênio” e uma notória e singular “capacidade de sacrificar-se”. (MEHRING, 1962)

Cabe, portanto, situar esses apontamentos no contexto da trajetória de Jenny von Westphalen. Proveniente de uma família aristocrática, com significativo poder aquisitivo e inserida em um ambiente de conforto e privilégios, sua escolha pelo noivado com Karl Marx revelou-se profundamente dissonante às expectativas sociais de sua classe. “Ela poderia ter tido um casamento brilhante. Jenny von Westphalen sacrificou todas as suas brilhantes perspectivas por “um futuro perigoso e incerto”. (MEHRING, 1962, p.6) A narrativa que a cerca exalta, portanto, uma suposta capacidade de renúncia aos privilégios materiais e à estabilidade de sua posição em nome de seu noivado.

Desse modo, é imperioso observar que a capacidade de sacrificar-se tenha sido uma das primeiras características atribuídas à ela, uma vez que, tal característica seja tradicionalmente esperada de mulheres dentro da hierarquia de poder imposta pelo patriarcado. Essa expectativa, como aponta Simone de Beauvoir, está intrinsecamente ligada à construção social da mulher como 'Outro', um ser inferior e complementar ao homem, ela argumenta que “A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial”. (BEAUVOIR, 1970, p. 10) Nesse contexto, o sacrifício feminino se torna uma forma de submissão à essa construção social.

De igual maneira, observa-se que a construção discursiva em torno de Jenny von Westphalen é atravessada por um intenso processo de idealização e romantização, no qual sua representação é reiteradamente moldada por atributos como beleza e abnegação. Essa abordagem inscreve sua figura em um campo simbólico que a aproxima de uma “mitificação”, reduzindo sua complexidade histórica e intelectual. Nesse sentido, a narrativa privilegia uma interpretação que enquadra Jenny menos como um sujeito histórico dotado de agência e protagonismo crítico e mais como uma figura arquetípica definida pela renúncia.

No âmbito dessa dinâmica discursiva, destaca-se a seguinte passagem presente na obra de Mehring “sua beleza juvenil estava em sua primeira flor gloriosa e ela era muito admirada e muito cortejada, e como filha de um oficial de alto escalão, ela poderia ter sido um casamento brilhante...” (MEHRING, 1962, p. 06). Tal passagem não apenas reforça a centralidade de sua beleza e status social na narrativa, reiterando-se em outras passagens ao longo da obra, como na seguinte caracterização: “Jenny von Westphalen, cujo retrato juvenil irradia graça e charme infantis, agarrou-se ao homem de sua escolha com a coragem firme de uma heroína desafiando terríveis sofrimentos e aflições”. (MEHRING, 1962, p.06).

A ênfase em sua beleza não é um traço isolado desta biografia, mas um elemento recorrente na forma como Jenny von Westphalen é representada historicamente. No entanto, o problema não está na menção à sua aparência, e sim no que é destacado em detrimento de outros aspectos. No texto analisado, sua intelectualidade e contribuições mal aparecem, enquanto atributos como beleza, sacrifício e submissão são reiteradamente enfatizados. Onde está o foco das lentes pelas quais Jenny é observada? A ausência de reconhecimento de sua atuação intelectual e política reforça uma narrativa que a restringe ao papel de musa e esposa, apagando sua relevância para além deste enquadramento idealizado.

Em suma, a centralidade observada nos aspectos físicos de Jenny von Westphalen inserem-se na tradição discursiva que historicamente relegou a mulheres a coadjuvantes (PERROT, 2017), ocupando papéis secundários em sua própria história. Nesse aspecto, conforme observa Mary Wollstonecraft, escritora, filósofa e defensora dos direitos da mulher inglesa, as mulheres não tinham em sua educação o intuito de desenvolvimento pleno de suas habilidades, tampouco permitia-se que escrevessem, estudassem e governassem, a força e utilidade de sua existência eram majoritariamente sacrificadas à beleza. (WOLLSTONECRAFT, 2016).

Essa lógica perpassa a biografia analisada, na qual Jenny é retratada prioritariamente por meio de atributos como graça, sacrifício e devoção, enquanto sua participação ativa na construção do pensamento marxista permanece marginalizada. Dessa forma, sua representação não apenas reproduz um padrão excludente de valorização feminina, mas também reforça uma estrutura narrativa que obscurece a agência das mulheres na história intelectual e política.

Em face ao exposto, tendo em vista que o objetivo deste capítulo tenha sido analisar a representação de Jenny na biografia clássica de Franz Mehring, a seleção dos excertos acima analisados permitiu identificar os mecanismos discursivos que moldaram sua imagem. Além disso, demonstrou-se como essa representação é abarcada pela narrativa posta em um contexto histórico evidentemente patriarcal.

3. AVANÇO DAS DISCUSSÕES FEMINISTAS

Este capítulo explora as mudanças na representação de Jenny von Westphalen, considerando os avanços das discussões feministas na historiografia e na cultura. Historicamente vista apenas como esposa e "musa" de Karl Marx, Jenny tem sido reavaliada nos estudos contemporâneos como uma figura ativa e influente, cuja trajetória política e intelectual desempenhou um papel crucial no desenvolvimento do pensamento marxista. Dessa forma, este capítulo estrutura-se sob seu principal eixo, a revisão historiográfica proporcionada pelas pesquisas feministas, que permitiram a reinserção de Jenny na história

Posto isso, a reflexão aponta inicialmente para Margareth Rago, importante historiadora feminista brasileira, que em sua publicação *Epistemologia feminista, Gênero e História*, argumenta que "o saber ocidental opera no interior da lógica da identidade, valendo-se de categorias reflexivas, incapazes de pensar a diferença." (RAGO, 1998, p.04). Nesse processo, a produção do conhecimento ocorre dentro de moldes, operando por meio de categorias fixas que privilegiam o já legitimado, excluindo, dessa forma, a possibilidade de uma compreensão plena daquilo que não se insere nas estruturas cristalizadas do pensamento dominante.

Consequentemente, a condição de Jenny como mulher revelou-se um profundo obstáculo para o reconhecimento de seu papel e de suas contribuições. Pode-se perceber que sua posição é, de certa forma, dual: por um lado, sua origem aristocrática a inscrevia em um espaço socialmente valorizado pela condição de classe - posição que, posteriormente, foi reconfigurada pelo casamento com Karl Marx e sua atuação no interior de um movimento revolucionário; por outro, a perspectiva de gênero a distanciava do protagonismo histórico, relegando-a a um papel secundário nas narrativas dominantes e até mesmo em suas representações.

Thomas Carlyle desenvolve no arcabouço de sua obra, a noção de que "a História do mundo é a biografia dos grandes homens" (CARLYLE, 1906, p. 28). Desse modo, entende a história universal como um conjunto de grandes feitos protagonizados por esses "grandes homens". (ANDRADE, 2006) Essa perspectiva enquadra a história sob a existência e influência de uma espécie de homem universal, idealizado e heróico, cujas conquistas são elevadas ao centro da narrativa, expropriando, assim, qualquer contribuição feminina na construção histórica.

Visto isso, pode-se perceber que "pensa-se a partir de um conceito universal de homem, que remete ao branco-heterossexualcivilizado-do-Primeiro-Mundo, deixando-se de lado todos aqueles que escapam deste modelo de referência". (RAGO, 1998, p.04) Dessa forma, a epistemologia tradicional não apenas marginaliza o outro, - ou a outra -, mas também reforça hierarquias que perpetuam com a invisibilidade e marginalização de outras perspectivas. No entanto, conjectura-se que este sujeito universal, não seja mais plausível. (BANDEIRA, 2008) A desconstrução desse mito permite resgatar figuras como Jenny von Westphalen, como integrante ativa da história de seu tempo.

Nesse sentido, "o feminismo não apenas tem produzido uma crítica contundente ao modo dominante de produção do conhecimento científico, como também propõe um modo alternativo de operação e articulação nesta esfera". (RAGO, 1998, p.11) A partir da década de 1970, observa-se uma eclosão desse movimento, marcada pela emergência de novas abordagens e objetos de estudo (RAGO, 1998), o que propiciou a ampliação do escopo analítico e, segundo a autora, também viabilizou uma:

Maior visibilidade às mulheres enquanto agentes históricos, inicialmente a partir do padrão masculino da História Social, extremamente preocupada com as questões da resistência social e das formas de dominação política. Este quadro ampliou-se, posteriormente, com a explosão dos temas femininos da Nouvelle Histoire, como bruxaria, prostituição, loucura, aborto, parto, maternidade, saúde, sexualidade, a história das emoções e dos sentimentos, entre outros. (RAGO, 1998, p. 13)

Desse modo, o conceito de gênero como uma categoria analítica, proposto pela historiadora Joan Scott, acrescentou significativamente aos avanços feministas uma vez que desnaturalizar as relações de poder, escancarando que as construções sociais e históricas que estiveram por trás dessas hierarquias de poder, permite que se questione, acerca de qual seja:

A relação entre as leis sobre as mulheres e o poder de Estado. Por que (e desde quando) as mulheres são invisíveis como sujeitos históricos, ainda que saibamos que elas participaram de grandes e pequenos eventos da história humana? O gênero legitimou a emergência de carreiras profissionais? (SCOTT, 1995, p.93)

A autora pontua que a categoria gênero constitui uma das principais referências por meio das quais o poder político é concebido, não se limita, portanto, à representação dicotômica entre homem e mulher, mas a constrói e a reforça. (SCOTT, 1995) Com isso, expõe que a exploração dessas questões “fará emergir uma história que oferecerá novas perspectivas sobre velhas questões” (SCOTT, 1995, p.93), “tornará as mulheres visíveis como participantes ativas e criará uma distância analítica entre a linguagem aparentemente fixa do passado e nossa própria terminologia.” (SCOTT, 1995, p.93)

Para aprofundar essa crítica, os estudos decoloniais - os quais buscam criar espaços onde o subalterno possa se expressar e ser ouvido, desafiando as estruturas de poder que silenciam e obliteram suas vozes, desconstruindo tais estruturas herdadas do colonialismo, por meio do questionamento a universalidade do pensamento eurocêntrico - (SPIVAK, 2010) e o feminismo negro - que enfatiza a necessidade de uma abordagem que considere as experiências específicas das mulheres negras, historicamente excluídas tanto dos movimentos feministas majoritariamente brancos quanto das lutas antirracistas lideradas por homens negros - (COLLINS, 2016) apontam a interseccionalidade como uma ferramenta essencial para compreender as relações entre raça, gênero e classe nas dinâmicas de desigualdade.

A interseccionalidade configura-se como uma ferramenta teórica e analítica fundamental para desvendar as complexas dinâmicas de poder e opressão que estruturam as sociedades contemporâneas. (KRENCHAW, 2002) Por meio dessa perspectiva, é possível compreender como eixos de dominação como raça, gênero e classe não atuam de forma isolada, mas sim de maneira imbricada e interdependente, produzindo experiências específicas de marginalização e exclusão. Ao mesmo tempo, a valorização da história das mulheres e dos estudos de gênero permitiu resgatar trajetórias antes invisibilizadas, como a de Jenny von Westphalen, que passa a ser vista não apenas como uma figura secundária, mas como uma protagonista em seu tempo. Essa mudança na historiografia tradicional revela um compromisso com a desconstrução de narrativas dominantes e a amplificação de vozes silenciadas.

4. JENNY VON WESTPHALEN À LUZ DOS AVANÇOS

Após termos percorrido, ao longo da primeira parte deste trabalho, pela reflexão acerca dos mecanismos discursivos na historiografia e sua proeminência patriarcal que contribuíram para a invisibilidade histórica das mulheres (exemplificada na representação de Jenny von Westphalen em Karl Marx: Story of His Life, onde sua figura foi obscurecida pela estrutura narrativa vigente), passou-se a evidenciar, posteriormente, como o avanço das discussões feministas progrediram para a ruptura dessas marginalizações, e torna-se agora preciso tomar novas direções.

Nesta etapa, a investigação volta-se exclusivamente para a representação de Jenny von Westphalen, evidenciando como sua figura foi progressivamente ressignificada para além do papel de mero suporte afetivo e doméstico. Nas próximas abordagens será possível identificar que essa construção delimitante não se efetiva integralmente, reflete, portanto, uma quebra das antigas estruturas narrativas patriarcais.

Enquanto no objeto anteriormente analisado, a biografia de Franz Mehring, características passivas e submissas eram atribuídas à Jenny, as análises mais recentes destacam sua influência política, sua participação nos círculos revolucionários e seu trabalho intelectual na revisão e elaboração de textos essenciais para o entendimento das estruturas de poder. É complexo afirmar que sem Jenny, Marx talvez não existisse, mas é possível pensar que sua trajetória intelectual e política teria sido significativamente distinta sem Jenny. Essa reinterpretação não apenas restaura sua agência histórica, mas também se alinha ao processo essencial de “despatriarcalização da história”.

Nesse desígnio, a composição se dará a partir de dois principais alicerces, (i) a princípio, sua representação será analisada pelas lentes cinematográficas, buscando entender o seu papel na narrativa fílmica, (ii) em seguida, partindo dessas observações, irá proceder a análise da biografia publicada por Mary Gabriel em 2013. Com isso, almeja-se traçar um panorama abrangente de sua representação nos objetos de estudo propostos no início da pesquisa.

5. JENNY VON WESTPHALEN EM O JOVEM KARL MARX: REPRESENTAÇÃO DE UMA PARCEIRA INTELECTUAL E REVOLUCIONÁRIA

Tendo isso em vista, esse capítulo emerge com a análise da produção cinematográfica de Raoul Peck, *O Jovem Karl Marx*. Inicialmente, torna-se preciso inferir o desafio de capturar a profundidade da vida de Karl Marx e suas relações sem que parte de sua complexidade fosse eclipsada pela adequação a uma linearidade narrativa e inserção de artifícios fictícios. Posto isso, busca-se investigar como a narrativa fílmica constrói a presença de Jenny com Westphalen, seu simbolismo e representação dentro dos limites e desafios típicos do cinema biográfico.

Sendo assim, o recorte temporal na película em análise, abrange o período de 1842 até o início de 1848, (da atuação de Karl Marx como editor-chefe da *Rheinische Zeitung*, até a conclusão do Manifesto Comunista). Tal produção, conforme sublinhado por Michael Heinrich, cientista político e especialista na obra de Karl Marx, não se limita à representação da amizade intelectual e colaboração teórica entre Karl Marx e Friedrich Engels. Destaca, no entanto, o notável papel que Jenny von Westphalen e Mary Burns desempenharam no desenvolvimento das ideias revolucionárias. (HEINRICH, 2018)

Em contrapartida ao que, no segundo capítulo deste trabalho foi apresentado, a negligência com a contribuição intelectual, política e social de Jenny não é o motor para a construção de sua representação no filme. *O Jovem Karl Marx*, portanto, apresenta uma representação de Jenny von Westphalen que contrasta com aquela delineada em *Karl Marx, Story of His Life*, esta transcende a barreira desses papéis e demonstra sua manifesta intelectualidade, atividade política e interesses revolucionários, tornando, dessa forma, a produção cinematográfica mais próxima das evidências históricas e do retrato fidedigno de sua trajetória. O filme, nesse sentido, estabelece um diálogo significativo entre Friedrich Engels e Jenny no qual ela declara seu anseio pela transformação social.

Friedrich Engels: É admirável. Poderia ter tido uma vida rica e inerte, com um aristocrata cheia de luxo e inveja.

Jenny von Westphalen: Eu escapei do tédio total, sim. Não há felicidade sem revolta. Revolta contra o estabelecimento, contra o mundo velho. É nisso que acredito. E espero ver esse mundo velho rachar em breve. (PECK, 2017)

Visto isso, a parceria entre Jenny e Marx não foi representada apenas como uma relação conjugal, mas como um companheirismo intelectual e revolucionário. Estavam juntos, não apenas na vida cotidiana, mas com um propósito comum e ardente, “um companheirismo intelectual e revolucionário”. Estavam juntos para construir uma nova sociedade. (RODRIGUES, 2018, p. 6)

Além disso, nas cenas finais do filme, que retratam o processo de elaboração do Manifesto Comunista, Friedrich Engels, Karl Marx, Jenny von Westphalen e Mary Burns estão reunidos à mesa. Em determinado momento, Engels encontra dificuldade em decifrar os manuscritos de Marx devido à sua caligrafia pouco legível. Marx, então, entrega os textos a Jenny, que prontamente realiza a leitura com precisão. Essa cena evidencia uma dimensão fundamental da contribuição de Jenny: sua atuação como transcritora dos escritos de Marx. Sendo uma das poucas pessoas capazes de compreender sua escrita, Jenny desempenhava um papel essencial na organização e clareza dos textos, garantindo a materialização das ideias de Marx.

Em *Amor e Capital: A saga familiar de Karl Marx e a história de uma revolução*, a autora explicita que “Jenny assumiu a tarefa de secretariar, passando a limpo a indecifrável caligrafia do marido”, (GABRIEL, 2013) e que na fase de finalização do processo de escrita de *O Capital*, quando três versões já haviam sido feitas,

Marx começou outra, embora usasse o último esboço de Engels como inspiração e formato. Jenny trabalhou como secretária para ajudar a acelerar o projeto. A caligrafia dos dois se entrelaçavam nas páginas, pois ele anotava seus pensamentos e ela seguia com sua letra elegante e feminina, pacientemente, copiando e tornando legíveis as denúncias corrosivas da burguesia que seu marido fazia, em sua crença de que a revolução era certa, inevitável e iminente. (GABRIEL, 2018, p.125)

Desse modo, o retrato de Jenny von Westphalen, construído na produção fílmica de Raoul Peck, alinha-se às interpretações históricas que buscam representar sua figura como uma parceira intelectual e revolucionária. Por isso, a constituição da personagem se dá com características essenciais, não restringindo-se a estereótipos tradicionais de mulher submissa ou apenas como suporte emocional. Conclusivamente, a obra a posiciona no cenário das ideias revolucionárias, consolidando sua importância na gênese das ideias que influenciaram profundamente a transformação do pensamento social e político moderno.

6. AMOR E CAPITAL: JENNY VON WESTPHALEN NA VANGUARDA DA REVOLUÇÃO

Por mais que, como visto na obra fílmica, Jenny tenha sido representada de maneira mais digna à sua participação histórica, há ainda os desafios decorrentes do modelo cinematográfico. Mesmo sendo uma obra que se pauta na vida biográfica de Marx e a isso se dedique, elementos fictícios são incorporados para tornar o conteúdo mais dinâmico. A biografia que será analisada, contudo, aprofunda-se em documentos históricos e, por mais que também recaia, de certa forma, em uma formulação linear dos acontecimentos, que inevitavelmente acomete maior parte das biografias, baseia-se em registros e fontes primárias, e, devido a forma mais abrangente e detalhista, resulta em um compromisso historiográfico mais evidente, permitindo uma reconstrução mais detalhada da trajetória de Jenny e de sua influência.

Este capítulo tem como fim, a análise da obra *Amor e Capital* de Mary Gabriel, a edição utilizada é a versão em e-book da edição brasileira, *Amor e Capital: A Saga Familiar de Karl Marx e a História de uma Revolução*, publicada pela editora Zahar e traduzida por Alexandre Barbosa de Souza. É interessante observar que, na edição inglesa, o subtítulo da obra “*Karl and Jenny Marx and the Birth of a Revolution*” sugere um foco mais direcionado à figura de Jenny von Westphalen, destacando sua importância ao lado de Karl Marx, desse modo, mostra-se a preocupação de Mary em evidenciar sua trajetória. No entanto, na edição brasileira, intitulada “*A Saga Familiar de Karl Marx e a História de uma Revolução*”, o enfoque se amplia, abarcando a família como um todo, diluindo, em certa medida, a centralidade de Jenny na narrativa.

A narrativa é estruturada em sete partes, organizadas cronologicamente, (1) Marx e a filha do barão, (2) A família fugitiva, (3) Exílio na Inglaterra da rainha Vitória, (4) O fim de *La Vie Bohème*, (5) *Do Capital à Comuna*, (6) *Doutor Terrorista Vermelho* e (7) *Depois de Marx*, percorrendo desde a juventude de Karl Marx e Jenny von Westphalen até os eventos posteriores à morte de Marx. No prefácio tracejado pela autora, ela explicita o cerne de sua pesquisa, assim, revelando que seu principal anseio como biógrafa de Marx seja fazer com que após percorrer as páginas de sua obra, possa-se olhar com mais profundidade e admiração às “mulheres da vida de Marx, que por causa da sociedade em que foram criadas acabaram assumindo papéis quase sempre secundários.” (GABRIEL, 2013, p.13) Ela aponta que “a coragem, a força e o brilhantismo dessas mulheres já permaneceram tempo demais na obscuridade”, sublinhando a importância desse resgate e valorização de seus papéis. (GABRIEL, 2013, p.14)

O que a autora, além de compreender, contribui para que aconteça, é furar a “bolha do isolamento sobre a história de mulheres” (RODRIGUES, 2018, p.3) Não é possível, portanto, que se fale da história de Marx sem que se retrate a importância de Jenny. (RODRIGUES, 2018) De acordo com Mary Gabriel (2013), aqueles que frequentavam o ambiente intelectual e político de Marx, deparavam-se constantemente com o brilhantismo e a intelectualidade de Jenny, cuja influência era manifesta tanto nos debates quanto nas estratégias práticas do movimento revolucionário.

É lamentoso que as estruturas tenham se firmado contra a exaltação de mulheres que assim como Jenny foram brilhantes. Estavam presentes, na família de Marx, outros exemplos notáveis como suas filhas Eleanor, Laura e Jenny que também atuaram ativamente em prol do movimento revolucionário e que são tão

pouco mencionadas. Todavia, mostra-se crucial a atuação feminista no resgate dessas figuras femininas. É, devido a um longo processo de luta coletiva, militância, e quebra da narrativa patriarcal, que atualmente torna-se mais acessível a investigação da história dessas mulheres cujas contribuições foram fundamentais.

Em *Karl Marx Story of His Life*, de Franz Mehring, as menções a Jenny von Westphalen são escassas, o que levou à opção por uma análise focada em trechos específicos nos quais ela é citada, buscando identificar características que contribuísem para sua representação na obra. Já em *Amor e Capital*, de Mary Gabriel, a abordagem é distinta, Jenny é integrada de maneira substantiva à narrativa, resultando em um número significativamente maior de menções e uma reconstrução mais detalhada e aprofundada de sua trajetória.

A análise de sua representação nesta biografia partirá de uma perspectiva mais abrangente, focando não apenas em trechos isolados, mas no conjunto de relatos que delineiam sua vida e importância, suas participações políticas, seus interesses intelectuais, sua relação com o círculo de Marx e outros militantes, bem como seu papel ativo na construção do pensamento e da práxis revolucionária.

Como ponto de partida, é pertinente abordar a intelectualidade de Jenny von Westphalen, cujo interesse pelas questões filosóficas e sociais não se originava ao convívio com Karl Marx, mas sim de sua própria criação e engajamento literário e intelectual. Pode-se afirmar, contudo, que tenha sido a partir da orientação de Ludwig, pai de Jenny, que o Karl Marx tenha desenvolvido sua notável paixão pela literatura. (GABRIEL, 2013) Ludwig von Westphalen, mesmo sendo notavelmente privilegiado em questões de classe, conseguia questionar as estruturas e a forma de abandono que a sociedade exercia sobre muitos, portanto ele:

Começou a difundir essas crenças para quem quisesse ouvir. Além de Jenny, seu aluno mais atento era o filho de um colega. O nome do garoto era Karl Marx. Em 1832, Marx tinha catorze anos e estudava na escola estatal Friedrich Wilhelm Gymnasium com o filho caçula de Ludwig, Edgar. (GABRIEL, 2013, p.24)

Desde cedo, Marx desenvolveu uma perspectiva crítica em relação à organização social e, com o tempo, compreendeu que a exploração era uma estrutura a ser abolida. Ele acreditava que o curso da história levaria ao triunfo das massas oprimidas. No entanto, tinha plena consciência de que o proletariado não se via como um sujeito político, muito menos como detentor de poder (GABRIEL, 2013). Após sua união, Marx e Jenny compartilharam não apenas a vida pessoal, mas também o compromisso com a revolução e a construção de um fundamento teórico para uma sociedade livre da exploração de classes.

Desde os primeiros dias de casados, ele considerava Jenny uma intelectual como ele, e isso não era apenas uma concessão sentimental: Marx era impiedoso quando se tratava das coisas da mente, e não teria confiado no julgamento de Jenny se não a achasse de fato brilhante. (GABRIEL, 2013, p. 61)

Jenny atuou como sua secretária, escrevendo, transcrevendo e revisando as observações científicas de Marx (LIMMROTH, 2018). Nesse ponto, uma observação crítica se faz necessária. Utiliza-se o termo "secretária" uma vez que é dessa forma que grande parte das biografias se referem a Jenny. No entanto, é importante ressaltar que o uso geral do termo pode carregar consigo uma conotação de papel secundário ou meramente administrativo, o que não reflete a complexidade e a profundidade da relação de parceria intelectual e política entre Jenny e Karl Marx. A atuação de Jenny transcendeu as funções tradicionais associadas ao termo, envolvendo-se diretamente na elaboração, organização e clarificação das ideias marxistas, contribuindo de forma substantiva para o desenvolvimento do pensamento crítico que ambos compartilhavam. Suas letras se entrelaçaram nos manuscritos, enquanto o papel preenchia-se com a caligrafia de Marx de forma quase ilegível, Jenny dedicava-se a organizar e tornar claras as críticas contundentes à burguesia. Juntos, compartilhavam a vida, os manuscritos e a convicção de que a revolução era inevitável, dispostos a abrir mão de muito em nome dessa causa (GABRIEL, 2013).

Nesse sentido, no dia 10 de agosto de 1844, o jornal *Vorwärts!* publicou uma carta de Jenny, enviada por Karl Marx e assinada com o pseudônimo "Uma senhora alemã". O texto foi divulgado apenas três dias após a primeira contribuição de Marx ao mesmo periódico, que era considerado o mais radical entre os jornais de língua alemã na época (GABRIEL, 2013). Portanto, Jenny não estava alheia ao conteúdo que

ajudava a produzir; além de seu engajamento político, ela era uma entusiasta do teatro, especialmente das obras de Shakespeare, e chegou a publicar críticas sobre peças teatrais.

Além de sua participação intelectual, deve-se pontuar também sua participação política. Em 1847, quando Marx ingressa na Liga dos Justos (futura Liga Comunista) em Londres, e torna-se a primeira organização comunista na história, Marx planeja uma ampliação da liga também em Bruxelas, com a formulação desse novo movimento agora em Bruxelas, Jenny foi o primeiro nome da lista de integrantes e interessados. (GABRIEL, 2013)

Posteriormente, em março de 1848 em Berlim, com uma multidão composta de trabalhadores, estudantes e comerciantes, barricadas foram erguidas e houve um grande enfrentamento às tropas reais, as quais evidenciaram a profunda insatisfação com o regime absolutista de Frederico Guilherme IV e fizeram com que seu poder fosse derrubado. Nesse cenário, a família de Marx se deslocava em excitação para o centro da revolta. “Jenny se lembraria de pensar: ‘Onde poderíamos nos sentir mais à vontade do que sob o sol nascente de uma nova revolução? Precisávamos ir para lá, simplesmente precisávamos fazê-lo!’” (GABRIEL, 2013, p.139) Nesse ínterim, Jenny também assumiu a responsabilidade de contatar a imprensa alemã, atuando como uma ponte essencial para a divulgação do trabalho revolucionário. Percebe-se com isso, que sua atuação não se limitava ao apoio doméstico ou à transcrição de textos, mas também desempenhava um papel ativo na propagação comunista.

No dia 17 de março, Jenny escreveu a Weydemeyer, que estava na Alemanha, pedindo que ele publicasse uma nota sobre as diferenças entre o Sindicato de Trabalhadores Alemães de Marx e o grupo de Herwegh, que ela descrevia como se valendo de oficiais prussianos aposentados para orientar exercícios militares. (GABRIEL, 2013, p.147)

Um ímpeto revolucionário transcendia as limitações impostas pelo gênero. Jenny tinha vontade de agir como uma incendiária alimentada pelo desejo de percorrer o país com uma tocha nas mãos. (GABRIEL, 2013) queria a destruição de um sistema opressor e a construção de uma realidade mais justa. Jenny von Westphalen tinha sede por participação política. Sua voz, embora muitas vezes silenciada pelo contexto histórico, ecoava a luta por transformação. É triste pensar que “Seu nome para sempre será atrelado ao de Karl Marx – ainda que a recíproca lamentavelmente não seja verdadeira” (RODRIGUES, 2018, p.11). Sua contribuição intelectual, política e pessoal foi imensa.

Tendo isso exposto, como foi visto ao longo do capítulo, a representação de Jenny na biografia *Amor & Capital* não foi subestimada. Seu ardor político, contribuições e importância foram massivamente mencionadas. A constituição biográfica se deu, portanto, trazendo luz às contribuições femininas no processo revolucionário ao longo da vida de Karl Marx. No artigo *Memória, Resistência e Intelectualidade em Jenny Marx*, publicado por Thaís Rodrigues dos Santos, a autora expõe que “É preciso encontrar essas mulheres, deixar que falem, que expressem suas opiniões, que transformem o mundo. Nós queremos e temos o direito de saber sobre elas, sobre nosso passado e de escrever nosso presente e futuro”. (RODRIGUES, 2018, p. 11)

Sendo assim, a representação de Jenny evidencia que, enquanto o passado for narrado de forma incompleta, sob um viés marcadamente patriarcal que segrega e invisibiliza as contribuições essenciais das mulheres, o presente continuará a reproduzir as mesmas desigualdades que tantas lutas buscaram combater. A omissão histórica de figuras como ela não apenas distorce a compreensão do passado, mas também perpetua estruturas de poder que silenciam e marginalizam as mulheres no presente.

Para melhor ilustrar a comparação entre os objetos analisados e a representação de Jenny von Westphalen em cada um deles, optou-se por estruturar uma tabela comparativa, destacando os aspectos mais relevantes.

Tabela 2: Comparação de aspectos na representatividade de Jenny von Westphalen

Aspecto	<i>Story of His Life</i>	<i>O Jovem Karl Marx</i>	<i>Amor e Capital</i>
Representação de Jenny	Subestimada, focada em beleza e sacrifício	Representada como parceira intelectual e revolucionária	Detalhada, com foco em sua intelectualidade e participação política
Participação intelectual	Quase inexistente.	Destacada como transcritora e colaboradora.	Amplamente documentada, com ênfase em sua contribuição teórica.
Participação política	Ignorada.	Representada como ativa no movimento revolucionário.	Detalhada, com menções a sua atuação na divulgação e organização.
Impacto historiográfico	Reflete o viés patriarcal da época.	Oferece uma visão mais equilibrada, mas com limitações cinematográficas.	Promove a representação fidedigna a sua participação

Fonte: elaborada pela autora, 2025

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As linhas que compuseram esse trabalho, tiveram o intuito de percorrer a representação de Jenny von Westphalen em duas diferentes biografias e em uma obra cinematográfica, foi possível, nesse tracejado, perceber que sua existência tenha sido historicamente subestimada e, posteriormente, resgatada com os avanços feministas. Tal objetivo foi alcançado por meio da análise crítica realizada das obras *Karl Marx: Story of His Life*, de Franz Mehring, do filme *O Jovem Karl Marx*, sob a direção de Raoul Peck e *Amor & Capital: A saga familiar de Karl Marx e a história de uma revolução*. A trajetória de Jenny, que por muito tempo, foi obscurecida por narrativas patriarcais que a relegaram ao papel de esposa e musa, posteriormente foi revelada com profundo engajamento político e parceria com Karl Marx na luta revolucionária do século XIX.

Constatamos conclusivamente, com o final da análise, que a representação de Jenny na biografia de Franz Mehring estava submersa em estereótipos de gênero, enfatizando sua beleza e capacidade de sacrifício em detrimento de sua agência intelectual. Sendo assim, essa abordagem refletiu as estruturas patriarcais que dominaram a historiografia tradicional. Com o avanço das discussões feministas uma revisão mais crítica foi fortalecida, promovendo a reinserção de Jenny na história como uma figura ativa e influente. Como foi possível observar, na obra cinematográfica *O Jovem Karl Marx* e a biografia *Amor & Capital* apresentam uma representação mais fidedigna de Jenny, destacando seu papel como parceira intelectual e revolucionária.

Por fim, este trabalho reforça a importância de resgatar o silenciado, invisibilizado e marginalizado. Jenny esteve ao longo da história coberta por um véu patriarcal que a impediu, por tanto tempo, de ser vista. Apesar de ter trabalhado incansavelmente em prol da luta revolucionária, suas mãos, que transcreveram, organizaram e contribuíram para a construção de uma base revolucionária, permaneceram invisíveis na narrativa histórica. Desse modo, almeja-se que este estudo contribua para a ampliação do debate sobre gênero, poder e representação, inspirando novas pesquisas sobre Jenny von Westphalen e que busquem resgatar e valorizar as trajetórias de outras mulheres que também foram massivamente silenciadas ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Débora El-Jaick. Escrita da História e Política no Século XIX: Thomas Carlyle e o Culto aos Heróis. **História e Perspectivas**, Uberlândia, v. 35, n. 1, p. 211-246, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/19066>. Acesso em: 10 dez.2024.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BERTSCHINGER, Dolores Zoé. Looking for Jenny & Co. The Image as Practice for a Feminist Imaginary. **Highgate Cemetery: Image Practices in Past and Present**, v. 1, p. 93, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/347745377_Looking_for_Jenny_Co Acesso em: 15. nov. 2024.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. Usos e abusos da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 183-191.

CARLYLE, Thomas. **Selected writings**. Penguin UK, 2015.

CARVER, Terrell. "Mere Auxiliaries to the Movement": How Intellectual Biography Obscures Marx's and Engels's Gendered Political Partnerships. **Hypatia**, Reino Unido, v. 33, n. 4, p. 593-609, 2020. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/hypatia/article/abs/mere-auxiliaries-to-the-movement1-how-intellectual-biography-obscures-marxs-and-engelss-gendered-political-partnerships/EC6D2C4B724BF7DD69878F7B6C61ADD7#access-block>. Acesso em: 22 jan. 2025.

CRENSHAW, Kimberle. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **Revista Estudos Feministas**, nº 1, 2002. Disponível em: http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle_Crenshaw.pdf. Acesso em: 20 de março de 2025

COLLINS, Patricia Hill. "Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória". **Parágrafo**, vol. 5, n.1, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/07/01.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2025.

_____. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v.31, n.1, p.99-127, jan/abr 2016

DE ABREU SIQUEIRA, Ana Carla. A condição das mulheres em Mary Wollstonecraft e Simone de Beauvoir. **Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia**, v. 8, n. 2, p. 72-90, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/view/46558>. Acesso em: 9 fev. 2025

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GABRIEL, Mary. **Amor e Capital: a saga da família de Karl Marx e a história de uma revolução**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

HANSON, Sandra L. Science for all? The intersection of gender, race and science. **International Journal of Science in Society**, v. 3, n. 2, 2012. Disponível em: https://openurl.ebsco.com/EPDB%3Aagcd%3A3%3A15381763/detailv2?sid=ebsco%3Aplink%3Ascholar&id=ebsco%3Aagcd%3A91821675&cr=c&link_origin=scholar.google.com.br Acesso em: 04 dez. 2024.

HEINRICH, Michael. Verdades e mitos sobre o filme "O jovem Karl Marx", de Raoul Peck. **Blog da Boitempo**, 18 jan. 2018. Disponível em:

<https://blogdaboitempo.com.br/2018/01/18/verdades-e-mitos-sobre-o-filme-o-jovem-karl-marx-de-raoul-peck/>. Acesso em: 03 jan. 2025.

KURKDJIAN, Anouch Neves de Oliveira; LIMA, Bruna Della Torre de Carvalho. Resenha: **Karl Marx, A história de sua vida**, de Franz Mehring. São Paulo: Editora José Luís e Rosa Sundermann, 2013.

LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado**. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2019.

_____. **The creation of feminist consciousness: from the Middle Ages to eighteen-seventy**. New York; Oxford: Oxford University Press, 1993.

LIMMROTH, Angelika. **Jenny Marx: die Biografie**. Berlim: Dietz, 2018.

LORD, Audre. "Não existe hierarquia de opressão". In: HOLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. Disponível em: <https://nenp.ufms.br/files/2019/08/Texto-9-de-setembro.pdf>. Acesso em 23 nov. 2024.

MARCONI, Maria de Andrade.; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MARX, Karl. **Cantos para Jenny y Otros Poemas**. México: Papeles con Gatillo, 1997.

MEHRING, Franz. **Karl Marx: The Story of His Life**. 1. ed. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1962.

PECK, Raoul. **O Jovem Karl Marx**. Produção: Alemanha, França, Bélgica. Califórnia Filmes, 2017. Filme (118 min).

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Paz e Terra, 2017.

PETERS, Heinz Frederick. **Red Jenny: A Life with Karl Marx**. Nova Iorque: St. Martin's Press, 1986.

PISCITELLI, Adriana. "Recriando a (categoria) Mulher?". In: Leila Algranti (org.) **"A prática Feminista e o Conceito de Gênero"**. Textos Didáticos, nº 48. Campinas, 2002, pp. 7-42.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. Disponível em: https://www.historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO_Margareth-Epistemologia_Feminista.pdf. Acesso em: 22 jan.2025.

RODRIGUES, Thais. Domingos dos Santos. Memória, Resistência e Intelectualidade em Jenny Marx. **XIV Encontro Nacional de História Oral**, Campinas. Anais do XIV Encontro Nacional de História Oral, 2018. Disponível em: https://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1525053980_ARQUIVO_Jenny,intelectualidad eeresistencia.pdf. Acesso em: 13 jan. 2025;

SCHWERIN VON KROSIGK, Lutz et al. **Jenny Marx: Liebe und Leid im Schatten von Karl Marx: eine Biographie nach Briefen, Tagebüchern und anderen Dokumenten**, 1975..

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade**. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99, 1995.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010.

ZIMMERMANN, Ruth. **Jenny Marx und ihre Töchter. Frauen im Schatten des Revolutionärs.** Freiburg/Brs: Herderbücherei, 1984.